



As diferenças dos métodos de abordagem nas histórias literárias do Brasil e do Rio Grande Do Sul

Katia Luisa Seckler*

Resumo: Este trabalho está sendo desenvolvido no grupo de pesquisa “Literatura e História”, do curso de Letras da UFSM. O presente estudo propõe o levantamento de histórias da literatura do Rio Grande do Sul, em torno das quais busca-se recuperar a memória sul-rio-grandense. A história literária pode ser entendida como uma atividade que tem em conta situar no tempo e no espaço as produções da literatura. O objetivo deste trabalho é analisar de que forma a história da literatura sul-rio-grandense se organiza e quais são as relações com a literatura de âmbito nacional. Para tanto, analisará-se a obra de Luiz Marobin, *A Literatura no Rio Grande do Sul*: aspectos temáticos e estéticos, comparando-a com as obras *A Literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho, e *História Concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi.

Abstract: This research is being developed by the research group Literature and History, at the Language and Literature Institute, Federal University of Santa Maria. This article proposes the search of histories of literature in Rio Grande do Sul, in order to recover the memory in Rio Grande do Sul. Literary history may be understood as an activity whose aim is to place literary productions in time and space. This study aims at analyzing how the history of literature is organized, and which are its relations with national literature. Therefore, a work by Luiz Marobin called *A Literatura no Rio Grande do Sul*: aspects temáticos e estéticos is examined, and we intend to compare it with *A Literatura no Brasil*, by Afrânio Coutinho, and *História Concisa da Literatura Brasileira*, by Alfredo Bosi.

Palavras-chave: Literatura; História; Identidade

Keywords: Literature; History; Identity.

1 Introdução

A história literária é uma atividade que tem gerado discussões acerca da metodologia mais adequada para abranger, a um só tempo, o valor estético e a relação das obras com o contexto sócio-histórico e cultural. Os historiadores da literatura geralmente elaboram seus estudos pendendo, ou para o lado da crítica literária, ou da história; por isso, estudiosos como Afrânio Coutinho acreditam que não é possível encontrar uma solução empírica para essa questão.

* Kátia Luisa Seckler é aluna do Curso de Letras (habilitação Português/Inglês) da UFRGS, participante do grupo “Literatura e História”, bem como bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) no projeto “Historiografia Literária sul-rio-grandense: fundamentos e conceitos”.

No Brasil, a história literária começa a ser trabalhada com bases científicas a partir de Sílvio Romero; sua obra representa importantes inovações, mas a sua visão da literatura subordinada à política e à vida social é refutada por Afrânio Coutinho, que vê a literatura como fenômeno autônomo em relação aos outros fenômenos da vida. Já no Rio Grande do Sul, a história literária desenvolveu-se, ora buscando adaptar-se à história literária brasileira, ora buscando a afirmação de uma literatura autônoma, que se desenvolveu de forma distinta e que, portanto, não pôde adequar-se à evolução da literatura brasileira de forma semelhante.

2 A questão da história literária

No livro *Teoria da Literatura*, R. Wellek e A. Warren questionam: “é possível escrever história literária, isto é, escrever algo que seja literário e história?” (WELLEK;WARREN, 2003, p. 344). Esses autores constatam que a maioria das histórias literárias é, na verdade, história social, “história do pensamento ilustrada pela literatura ou impressões e críticas sobre obras específicas, colocadas em ordem mais ou menos cronológica” (idem: *ibidem*).

No Brasil, Afrânio Coutinho discute essa questão. Ele escreve a sua obra, *A Literatura no Brasil*, com a preocupação de fazer uma história que solucione o problema do equilíbrio com a crítica; e enfatiza a periodização estilística, porque essa colabora para emancipar a literatura da história geral. Para Coutinho, a literatura é antes de tudo uma arte; por seu valor estético, deve ser estudada na sua natureza e leis próprias, e sua evolução é interna e não condicionada por influências extraliterárias.

A preocupação com a estética é também o princípio que norteia a obra de Luiz Marobin. A sua história focaliza os aspectos temáticos (histórias, lendas, mitos, personagens e eventos históricos que se tornaram temas de nossas letras) e aspectos estéticos, que são classificados como os elementos intrínsecos, sempre fazendo a relação da obra com o contexto social.

Afrânio Coutinho e Alfredo Bosi também compõem seus estudos levando em conta o fator histórico e social. A principal diferença entre Marobin e esses estudiosos é que o primeiro escreve uma história a partir das temáticas; Bosi e Coutinho orientam-se pela periodologia estilística. Enquanto Marobin reage contra a periodização, afirmando que essa metodologia “serve mais para roteiro de estudo do que para historiografia literária” (MAROBIN, 1985, p. 43), os últimos defendem a periodização como método mais adequado para a historiografia literária brasileira.

3 Métodos de abordagem

Marobin inicia a sua obra com a explicação e a justificativa do seu método de abordagem. Assim como Coutinho, ele, primeiramente, expõe a problemática dos métodos da história literária, mas de forma mais breve. Mesmo afirmando que o seu estudo privilegia os aspectos estéticos, o historiador tem a preocupação de analisar os elementos extrínsecos, as suas influências e fatores determinantes, sua época e público. Isso porque os elementos extrínsecos têm grande importância, já que muitos se tornam temas para a literatura gaúcha. Explica o que são elementos intrínsecos e extrínsecos da literatura, porém, na obra de Coutinho, tem-se uma explicação mais concisa, embora semelhante à de Marobin:

Com ser de natureza estética, o fato literário é histórico, isto é, acontece num tempo e num espaço determinados. Há nele elementos históricos, que o envolvem como uma capa e o articulam com a civilização – personalidade do autor, língua, raça, meio geográfico e social, momento; e elementos estéticos, que constituem o seu núcleo, imprimindo-lhe ao mesmo tempo características peculiares, que o fazem distinto de todo outro fato da vida: tipo de narrativa, enredo, motivos, ponto de vista, personagem, linha melódica, movimento, temática, prosódia, estilo, ritmo, métrica, etc. [...] Esses últimos elementos formam o 'intrínseco', enquanto os primeiros formam o 'extrínseco' (COUTINHO, 1986, p. 9).

Um dos elementos intrínsecos é a temática, foco da obra de Marobin. Após a explicação da metodologia, o historiador arrola as fontes de temas da literatura nos capítulos 3, 4 e 5, para, adiante, situar esses temas nas obras literárias. O autor considera que os grupos de temas, especialmente na literatura sulina, são traços marcantes e típicos. Traça objetivamente uma metodologia, porém os seus critérios, para a escolha de escritores e obras a serem estudados, são subjetivos. Outros escritores que mereceriam destaque na literatura sul-rio-grandense, pelo valor estético das obras ou pela temática, são deixados de lado. A justificativa dessa omissão é insatisfatória: “necessidade de limitação de espaço” (MAROBIN, 1985, p. 246). Por outro lado, a atitude de Marobin foi corajosa, no sentido de que ele propôs uma nova forma de entender a literatura. O seu subjetivismo, a falta de uniformidade e um certo distanciamento da informação sistematizada são os riscos que o autor correu ao assumir a proposta de uma história que enfatizasse os aspectos temáticos e a estética, fugindo assim do modelo preestabelecido de história literária. Essa metodologia que, por um lado, apresenta falhas, por outro lado imprime um tom mais original e pessoal à sua obra.

Afrânio Coutinho e Alfredo Bosi organizam suas histórias de maneira bastante similar, abrangendo os seguintes períodos: Barroco, Neoclassicismo, Arcadismo, Romantismo, Realismo, Naturalismo, Parnasianismo, Modernismo e Era Contemporânea. As diferenças de metodologia entre eles dizem respeito particularmente a dois períodos: a literatura na época colonial e o Modernismo. No primeiro caso, Bosi trata das primeiras manifestações da

literatura no Brasil como a literatura colonial; Coutinho discorda dessa classificação porque, segundo ele, o termo ‘colonial’ subordina a literatura à situação política do país na época em que essa literatura foi produzida, e a literatura não se subordina à política de um país. Bosi também aborda os chamados textos de informação, que não pertencem à categoria do literário. Por isso, Coutinho não trabalha esses textos; Bosi, entretanto, acredita na importância do estudo dos textos de informação porque eles serviram como fontes de temas para a literatura posterior. Nesse ponto, a obra de Bosi tem uma preocupação similar à de Marobin, que é o estudo das fontes de temáticas.

A outra diferença entre Coutinho e Bosi, quanto ao Modernismo, é que Bosi apresenta uma classificação distinta para as obras do início do século XX. Bosi acrescenta uma subdivisão no Modernismo que é o Pré-modernismo. Este consiste no conjunto de escritores e obras posteriores ao Realismo e ao Simbolismo e anteriores ao movimento modernista de 1922. São os autores que problematizam a realidade social e cultural do Brasil, como, por exemplo, Euclides da Cunha, Graça Aranha, Simões Lopes (BOSI, 2002).

Afrânio Coutinho não faz essa subdivisão; os escritores pré-modernistas na visão de Bosi são, na obra de Coutinho, os regionalistas do início do século XX e os autores que escreveram aquilo que ele chama de “fusão do Realismo-Naturalismo com o Simbolismo, em prosa de ficção” (COUTINHO, 1986). Exemplos são Lima Barreto, Graça Aranha. Sobre este período, o estudioso também trata de uma fase chamada por ele de Sincretismo e Transição – as duas primeiras décadas do século XX foram marcadas pela decadência dos estilos anteriores ou pela sua mistura.

Quanto à concepção de literatura, pode-se dizer que os três historiadores têm idéias semelhantes: Coutinho vê a literatura como arte e é esse entendimento que direciona o seu trabalho. Bosi não apresenta, em seu livro, capítulos à parte para explicar o seu conceito de literatura e a sua metodologia, mas o valor estético da obra literária é a sua justificativa para a inclusão e exclusão de autores e obras; Marobin esclarece logo no início de sua história que a literatura é primeiramente arte, intuição criadora.

Marobin, Bosi e Coutinho também se preocupam em relacionar a literatura com a história e a sociedade, como já foi mencionado, e fazem isso com a contextualização dos períodos literários, escritores e obras, nos inícios de quase todos os capítulos das suas histórias. Também trazem explicações sobre as origens da literatura. O elemento de análise, todavia, é sempre a própria obra literária.

Conforme afirma Coutinho ao justificar o seu método de abordagem: “o seu princípio diretor é reagir contra a historiografia do século XIX, em nome da primazia do conceito

estético-literário, graças ao estudo da própria obra literária e não das circunstâncias ambientais” (COUTINHO, 1986, p. 62). Essa atitude já havia sido defendida pelos teóricos René Wellek e Austin Warren: “O ponto de partida natural e sensato para os estudos literários é a interpretação e análise das próprias obras literárias. Afinal, apenas as próprias obras justificam o nosso interesse pela vida de um autor, pelo seu ambiente social” (WELLEK; WARREN, 2003, p. 177).

4 Conclusão

Por meio da análise das histórias literárias aqui referidas, pode-se perceber que os autores trabalhados confrontam-se com o problema da metodologia a ser empregada na historiografia literária, e propõem as suas diferentes alternativas sem afirmar serem as soluções definitivas para a questão. Se, por um lado, são traçadas objetivamente as diferentes metodologias, na prática, a historiografia literária carrega uma forte carga de subjetividade, porque envolve história e crítica; os dados históricos, factuais, são relacionados aos fatores estéticos e, na definição desses últimos, pesa a crítica do historiador, que, muitas vezes, é subjetiva.

Essa característica é mais perceptível na obra de Marobin, pois ele sempre deixa clara a sua opinião sobre os escritores e as obras, acrescentando inclusive comentários que dizem respeito à sua própria vivência como leitor e professor de literatura. O tom pessoal de sua obra talvez tenha relação com a sua proposta, já que escreve uma história sem se guiar por um cânone de literatura e historiografia literária. Como afirma Humaitá Soares (apud MAROBIN, 1985, p. 9) no prefácio de *A Literatura no Rio Grande do Sul*: “O leitor Luiz funde-se aqui e ali ao analista Marobin”.

Bosi e Coutinho, por outro lado, organizam suas obras sob a perspectiva da história. Essa metodologia tem a vantagem de funcionar melhor didaticamente, pois as informações são mais bem sistematizadas. Isso não significa que os métodos desses historiadores não apresentem falhas; o próprio Coutinho afirma que ainda não foi encontrada uma solução empírica para a história literária.

O subjetivismo também aparece nessas obras, uma vez que cada autor situa períodos, autores e obras de forma por vezes distinta e o fazem segundo suas diferentes concepções de historiador. Ou seja, mesmo trabalhando a literatura de formas diferentes, pode-se concluir que as obras de historiografia aqui estudadas são um exemplo do que afirma Marobin: dividir

uma literatura é tarefa árdua; métodos, critérios de tempo e espaço, autores e obras, quase tudo leva a marca da subjetividade.

Referências

MAROBIN, Luiz. *A literatura no Rio Grande do Sul: aspectos temáticos e estéticos*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro; Niterói: José Olympio; Universidade Federal Fluminense, 1986. v.1.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 40. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

WELLEK, René. *Teoria da Literatura e metodologia dos estudos literários*. São Paulo: Martins Fontes, 2003